



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sede da UIT

Genebra-Suíça, 15 de junho de 2009

Jornalista: Gostaria de fazer para o senhor duas perguntas: A primeira é sobre a sua entrevista com o presidente Sarkozy. No discurso, na OIT, o senhor falou da necessidade de ter propostas para sair da crise, e (incompreensível) conversa com o presidente Sarkozy. A segunda pergunta que queria fazer para o senhor é para o futuro. O senhor disse que (incompreensível).

Presidente: Primeiro, o Brasil já tomou medidas concretas para enfrentar a crise econômica, e nós tínhamos tomado medidas concretas antes de começar a crise, porque em janeiro de 2007 nós lançamos um programa de aceleração do crescimento da economia brasileira e colocamos mais de US\$ 300 bilhões até 2010, para fazer infraestrutura, para fazer saneamento básico, urbanização das favelas brasileiras e, ao mesmo tempo, um grande programa de pesquisa de petróleo, de prospecção, de recuperação da indústria naval brasileira e um grande programa energético no Brasil. Isso já estava funcionando. Quando surgiu a crise, nós garantimos que o Brasil seria um país que sofreria menos [com] a crise e o Brasil poderia sair dela mais rápido, porque já tinha um programa de desenvolvimento em andamento. No caso do Brasil, nós tivemos um problema, que foi um pouco de precipitação de alguns setores da economia que resolveram diminuir os seus estoques e utilizar o mês de dezembro para dar férias coletivas para muita gente e diminuir, praticamente, a produção. Poderia citar o setor de automóveis, por exemplo, que desnecessariamente, praticamente parou de produzir no mês de dezembro para poder vender os carros que estavam estocados. Isso teve repercussão no PIB do primeiro trimestre.



Nós lançamos, no final do ano, um programa de construção de um milhão de casas, e tomamos a decisão de fazer com que as principais obras brasileiras fossem... tivessem a contratação de trabalhadores feita em dois turnos ou mais turnos, para garantir a geração de mais empregos. O dado concreto é que nós já tivemos, no mês de abril, uma recuperação de 106 mil postos de trabalho, o que é uma coisa extremamente importante se compararmos com o que está acontecendo no resto do mundo.

Eu, quando estive com o presidente Hu Jintao, ele me disse que ele tinha que gerar 9 milhões de empregos por ano e que a previsão era gerar 3 milhões de empregos, ou seja, era gerar quase a quantidade de mão-de-obra de um país, mas para ele era pouco. Nós achamos que estamos em uma fase de recuperação extremamente importante, não só em investimentos internos, como em investimentos externos.

Na conversa com o presidente Sarkozy, nós discutimos fazer com que os debates no G-20 possam ser mais concretos e mais objetivos e que a gente possa tornar as nossas decisões mais realidade [reais], sobretudo no que diz respeito ao financiamento do FMI, do Banco Mundial, à questão dos paraísos fiscais, ou seja, nós precisamos executar nossas políticas.

Eu penso que aos poucos os países vão encontrando um jeito de sair da crise. A minha preocupação maior é com os países mais pobres. Se não tiver dinheiro para financiamento da produção, esses países terão menos possibilidade de sair da crise e sofrerão mais porque não têm o estado de bem-estar social que têm os países ricos. Eu penso que Brasil e França estão em bastante sintonia na atuação no G-14, no G-20 e em outros fóruns multilaterais, sobretudo no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Com relação a cargos, seria irresponsabilidade da minha parte, faltando um ano e seis meses para terminar o meu mandato, ficar pensando em qualquer coisa. Eu não estou pensando nem no dia seguinte, no que eu vou fazer, quanto mais pensar em outro cargo. Primeiro, eu quero concluir o meu



mandato – um ano e meio é praticamente mais de um terço do mandato e eu preciso trabalhar muito porque tem muita coisa para acontecer no Brasil e eu quero que aconteça.

Jornalista: Foi a primeira vez que o senhor encontrou o Presidente Sarkozy após o acidente do vôo da Air France. O senhor poderia falar sobre o encontro e sobre os resultados?

Presidente: Tem coisas que se pode fazer, tem coisas que não se pode fazer. Ontem, ao vir a Genebra, eu passei pela mesma rota que fez o avião que sofreu o acidente, ou seja, tem coisas que você não pode mudar e você não pode achar que um possível problema técnico vai acontecer todo dia, a toda hora. Se fosse assim, a gente não sairia mais à rua quando tivesse um acidente de carro.

Conversei com o presidente Sarkozy sobre o avião. Ele (incompreensível) agradeceu o trabalho primoroso das Forças Armadas Brasileiras – da Aeronáutica e da Marinha –, a dedicação, ele mandou um submarino nuclear que está fazendo investigações e ele disse que não vai sossegar enquanto não achar a caixa preta do avião para saber o que aconteceu. E disse mais: disse a mim para ficar tranquilo que a França assumirá a responsabilidade pela indenização das famílias brasileiras, francesas e de outros países.

O que é importante, na verdade, além de... difícil encontrar vida, além de encontrar os corpos, é também encontrar a caixa preta do avião para saber o que aconteceu no avião, porque se foi um defeito técnico, nós só vamos consertar se conseguirmos saber o que aconteceu. Como tem muitos *airbus* viajando pelo mundo afora, nós precisamos ter muito cuidado e tentar desvendar esse mistério.



Mas foi muita solidariedade do Sarkozy para com os brasileiros. Eu já tinha falado com ele duas vezes por telefone mais recentemente, e vamos continuar trabalhando juntos. A Marinha brasileira e a Aeronáutica irão ficar lá até que cheguemos à conclusão de que não tem mais o que fazer.

Jornalista: Presidente, o senhor colocou ênfase que (incompreensível). Queria saber o seguinte: o senhor acha que, no contexto atual, (incompreensível). O senhor acha que ainda é necessário (incompreensível). E só complementando a questão, que tipo de proposta, eventualmente, o senhor levaria à Cúpula?

Presidente: Primeiro, nós estamos vivendo no Brasil uma fase em que nós não vamos parar mais de fazer investimentos. Nós temos grandes obras em andamento, tem grandes obras em projeto. Agora mesmo, em setembro, nós pretendemos fazer a licitação do trem de alta velocidade, porque é uma obra imensa. Ainda este ano, possivelmente, nós teremos o licenciamento e faremos a licitação da hidrelétrica de Tapajós e Belo Monte. Apenas para mostrar dois investimentos de grande envergadura que vão possibilitar ao Brasil continuar crescendo.

Eu penso que quando eu sou otimista em relação ao Brasil, é porque o Brasil teve a desvantagem, em relação a outros países, porque passamos quase duas décadas e meia um pouco atrofiados, sem fazer investimentos. Então, agora que nós conseguimos desencantar e ter dinheiro para fazer investimentos, nós não temos porque parar. Vamos continuar fazendo investimentos em grandes obras brasileiras – agora entra a Copa do Mundo, nós temos que trabalhar a questão da mobilidade urbana, porque é da responsabilidade do governo municipal, do governo estadual e do governo federal preparar o Brasil para receber a Copa do Mundo, com metrô, com corredor de ônibus, com aeroportos, com portos. E também nós estamos reivindicando as Olimpíadas para 2016. Então, nós queremos deixar o Brasil



pronto, não só porque o povo brasileiro merece que ele esteja melhor, mas porque nós queremos estar gabaritados a realizar eventos da magnitude que queremos realizar.

Com relação à reunião dos Bric's. Veja, é sempre uma primeira reunião. Nessa reunião, eu penso que nós temos coisas importantes para discutir. Toda reunião de que eu participo nós discutimos a questão do Conselho de Segurança da ONU. Nós estamos convencidos de que é preciso a ONU se abrir para o mundo e se adequar ao século XXI, não é possível ficar mais com a mentalidade do século XX.

Além do que, eu penso que nós temos que fazer uma troca de experiências de como cada país está tratando a crise. Mais recentemente, eu tive uma boa conversa com o presidente Hu Jintao. Mas lá estará o primeiro-ministro Sing, lá estará o presidente russo, o presidente Medvedev, e nós vamos, então, aprofundar as discussões sobre a Organização Mundial do Comércio, a Rodada de Doha, sobre a questão da crise econômica, sobre as saídas para as instituições multilaterais de funcionamento [financiamento].

Jornalista: Sobre moeda?

Presidente: Veja, a moeda, eu levantei essa discussão com o presidente Hu Jintao, a partir da nossa experiência com a Argentina. Há algum tempo nós vimos discutindo tentar estabelecer relações comerciais com alguns parceiros nas nossas próprias moedas. Qual o objetivo? Primeiro, sobretudo o pequeno e o médio empresário exportador ou importador que não tivesse dólar, e portanto não tivesse que comprar, ou se o dólar estivesse mais caro, ele, na sua própria moeda, poderia fazer a compra, e o Brasil também. Com a Argentina fizemos isso. É um processo que está em andamento, leva um tempo para que isso comece a funcionar adequadamente. Com a China, nós temos uma balança comercial de quase US\$ 40 bilhões. É um montante bastante razoável, com



possibilidade de crescer mais.

Então, veja, como o Brasil é um país que defende e adota o câmbio flutuante, na hora que o empresário perceber que o dólar está muito caro ou está faltando dólar no mercado, como o Brasil não tem a máquina de produzir dólar, ele pode exportar e importar na nossa moeda e na moeda chinesa. Esse é um processo que os dois presidentes dos Bancos Centrais vão discutir com os ministros da Fazenda, e se chegarem à conclusão de que é possível - porque cada instituição tem suas complicações internas, essas coisas demoram muito - nós vamos adotando.

Essa é uma coisa... Eu sei que a Rússia também tem interesse em discutir isso. Com a Índia nós temos uma balança comercial ainda pequena, mas temos um compromisso de fazê-la crescer muito até 2010. E vamos trabalhando.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Eu vou responder do jeito que entendi. Primeiro, o governo brasileiro tem uma posição muito clara. Ou seja, Nós queremos trabalhar fortemente para que haja uma boa regulação na questão da Internet. Mas não queremos que essa regulação seja tida como se fosse um abuso para você fazer censura na Internet. Na verdade, eu chamaria isso muito mais... O que nós queremos é mais responsabilizar as pessoas do que criminalizar as pessoas.

Agora, no Brasil, e talvez no mundo inteiro, a questão da pedofilia pela Internet foi uma coisa extremamente grave. Eu espero que você tenha acesso ao que eu vi de pedofilia, realmente eu não imaginava que um ser humano pudesse ser tão canalha ou cretino de utilizar a Internet para fazer uma coisa tão maléfica à sociedade, sobretudo trabalhar com criança. Essa gente, nós temos que punir severamente. Agora, temos que punir sem criar confusões



para as pessoas que querem trabalhar com seriedade.

Eu penso que o nosso governo é um governo que tem introduzido fortemente... temos utilizado a Internet de forma extraordinária para muitos trabalhos que nós fazemos no Brasil. Certamente, ainda estamos longe de ser um governo altamente modernizado, do ponto de vista da utilização da Internet para tudo. Mas eu penso que nós avançamos muito. A sociedade brasileira começou a utilizar mais computadores, porque nós adotamos um programa chamado Computador para Todos, em que facilitamos a venda de computadores, facilitando empréstimo para empresas que vendem computadores e facilitando a prestação para as pessoas mais pobres terem acesso.

Tomamos a decisão de levar, agora, Internet banda larga para 55 mil escolas públicas urbanas. Estamos levando telecentros a todos os municípios, dando os computadores aos municípios. E eu penso que nós entramos em uma fase agora que não tem retorno, ou seja, agora que as pessoas aprenderam que a informática pode nos ajudar de forma extraordinária, que se nós soubermos utilizar melhor todo o potencial que a telecomunicação nos oferece, facilita nossa vida, não tem mais retorno.

Nós, agora, vamos ter que trabalhar muito para que o governo... não seja um governo eletrônico, porque eu não concebo a idéia de um governo eletrônico, ou seja, o governo é composto de homens, de seres humanos políticos que têm que fazer política. Nós vamos tentar fazer uma mistura, as licitações públicas estão quase todas sendo feitas agora por pregões eletrônicos. Ou seja, nós temos avançado, avançado muito. Possivelmente não tanto quanto gostaríamos, mas temos avançado de forma extraordinária.

O que nós não queremos é substituir o trabalhador por um computador, porque o que mostra a qualidade de cidadania de um país, de democracia, é se os seres humanos estiverem trabalhando, estiverem ganhando salário, estiverem vivendo bem, é isso que demonstra. Então, combinar o uso da



informática, combinar a utilização da Internet, sem prejudicar o trabalho que nós precisamos criar, é uma obrigação nossa e nós vamos continuar fazendo, no Brasil.

Jornalista: Presidente, o senhor falou bastante em paraísos fiscais. E a gente sabe que o presidente Sarkozy também é alguém que combate isso. Agora, a gente está no maior paraíso fiscal do mundo, que é a Suíça. Queria perguntar ao senhor: o Banco Central vem adotando uma atitude bastante dura contra os bancos suíços, lá no Brasil. Como é que o senhor prevê, ou como é que o senhor vê esse (incompreensível) paraísos fiscais, como levar adiante isso. E, se o senhor me permite, como é que o senhor vê a situação dos protestos no Irã?

Presidente: Olha, primeiro, certamente, o tema de controle dos paraísos fiscais não é uma coisa simples. Na reunião do G-20, foi levantada, sobretudo, a questão da Suíça. Mas tem muita gente aqui da Europa [que] não aceita que a Suíça seja um paraíso fiscal. Talvez tenhamos que aprofundar a discussão [do] que é paraíso fiscal para que a gente possa fazer uma separação entre aquela atividade financeira que investe no setor produtivo e aquela que fica só na base da especulação ou guardando dinheiro no anonimato. Se os países que compõem o G-20 não tiverem condições de estabelecer normas de regulação, tudo vai ficar mais difícil. Mas eu acho que será um bem para a humanidade. Se um cidadão tem dinheiro e quer guardar o dinheiro, ele [que] guarde em um banco e permita que o banco utilize o dinheiro para fazer investimentos positivos. Eu acho isso. É difícil, mas não é impossível.

O que é importante é que já tem a vontade política, a disposição, e isso foi aprovado na última resolução do G-20, portanto, agora nós temos que implementar. Você sabe que cada reunião do G-20 é como uma reunião qualquer que você já participou na vida. Cada reunião a gente tem que lembrar



o que decidimos na outra reunião, para não aprovar outra vez o mesmo que nós tínhamos aprovado. Nós temos que ser sempre “os chatos” e, até muitas vezes, eu me presto a ser o “chato” de cobrar as coisas, porque não é possível a gente ficar fazendo reunião, e reunião, e reunião, e reunião, para marcar nova reunião. Eu parei de participar das reuniões do diretório do PT por conta disso. Então, se a gente for para a reunião e não tiver uma decisão efetiva de alguma coisa que a gente sinta concretude que beneficie alguém, para quê participar de tanta reunião? Então, já tem um conjunto de líderes que estão cansados e preocupados com isso.

Qual foi a última pergunta?

Jornalista: O Irã, o Irã.

Presidente: Eu não sei. Não é o primeiro país que tem uma eleição que alguém ganha e quem perde tem protesto [protesta]. No Brasil, está virando moda: as pessoas que ganham perdem na justiça e a oposição toma posse. Eu não posso avaliar o que aconteceu no Irã. Eu acho que é um protesto, agora veja: o presidente teve uma votação de 61%, 62%, é uma votação muito grande para a gente imaginar que possa ter havido fraude. Agora, como eu estou muito distante do Irã... certamente, os nossos embaixadores vão começar a nos dar informação do que aconteceu lá, mas a impressão que eu tenho é de que o protesto é de quem perdeu. No Brasil, nós estamos “assim” de experiências. Eu já participei de passeatas de quem perdeu, já fiz protesto, depois o tempo se encarrega de mostrar o resultado eleitoral.

Jornalista: (incompreensível)



Presidente: Não, veja, não fica feito o convite. Ele tinha para vir, pediu para não vir para esperar o processo eleitoral. A hora [em] que quiser vir – venha à hora que quiser – eu o receberei.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Veja, eu não conheço ninguém até agora, a não ser a oposição, que tenha discordado da eleição do Irã. Não tem número, não tem provas, por enquanto é apenas uma coisa entre “flamenguistas e vascaínos”, ou seja, quem ganha chora [festeja], quem perde festeja [chora].

Bem, eu pretendo ir ao Irã. Eu pretendo arrumar uma data, talvez no ano que vem, e fazer uma visita ao Irã porque nós temos interesse em construir parcerias com o Irã, em trocas comerciais com o Irã. O Brasil vai fazer todas as incursões que precisarem ser feitas para estabelecer melhores relações com todos os países do mundo, e o Irã é um deles.

_____ : (incompreensível)

Presidente: Obrigado.

(\$31DGJLMQ)